# 132º Aniversário do Instituto do Ceará

José Augusto Bezerra*

Prezados membros da mesa Diretora deste trabalhos, demais autoridades e outras personalidades presentes, as quais saúdo nas figuras do nosso Presidente Lúcio Alcântara, um dos mais dinâmicos Presidentes desta entidade, em todos os tempos, cuja Diretoria, por ele encabeçada, toma hoje posse, pela segunda vez, eleita que foi por unanimidade, e nosso honorável Governador, Camilo Santana, igualmente um dos governadores que mais tem feito pela área cultural do nosso Estado, em toda sua história. Neste dia do nosso 132º aniversário, o Presidente do Instituto do Ceará decidiu reverenciar duas personalidades emblemáticas da Terra de Iracema: O Fundador do Ceará e o Patriarca do Instituto do Ceará, Martim Soares Moreno e o Barão de Studart, respectivamente. Sobre isso discorreremos:

Não canso de procurar entender a alma dos primeiros colonizadores que chegaram ao Ceará, no longínquo início dos anos seiscentistas. Que força interior tinham esses bravos, que ideais sublimes e sonhos loucos puderam arrebatá-los da tranquilidade da corte, da possibilidade de uma boa vida em cidades prósperas e trazê-los para cá, a fim de desafiarem o céu e a terra.

Terrenos pobres, esquecidos de Portugal e do mundo, inadequados para cultura. Sem cana de açúcar, sem café, sem ouro, sem pau brasil. Poucas provisões, um mar perigoso que engolia muitas embarcações e que não lhes permitia ir adiante por causa do vento e das correntes marítimas. Lutas cruéis com selvagens indomáveis e secas que devoravam tudo, inclusive muitas vidas de adultos e crianças que por aqui chegaram.

As primeiras expedições fracassaram, mas outras e mais outras vieram e nesse solo que parecia nada ter a oferecer, surgiu uma das grandes metrópoles do mundo. E a maior lição que nos deixaram os primeiros que

* Ex-Presidente do Instituto do Ceará.

aqui chegaram é a de que esta é uma terra que foi conquistada por heróis, que nunca aceitaram a palavra derrota e continuaram sempre em frente, até vencerem. Esse é o sentimento que nos legaram e que ainda hoje habita o espírito do povo cearense. Uma história feita de luta e superação.

Uma conspiração do destino a nosso favor veio logo na primeira expedição exploratória do Ceará, em 1603, comandada por Pero Coelho de Sousa. Tendo ela expulsado os franceses do seu enclave na Serra da Ibiapaba, no Ceará, não conseguiu ir adiante em sua marcha para o Maranhão e teve que retornar de forma desoladora, com perdas dramáticas. Mas, o seu feito extraordinário foi ter trazido entre aqueles primeiros soldados, um garoto com dezoito anos, Martim Soares Moreno.

Foi um caso de amor à primeira vista com esta terra. Aprendeu como ninguém a língua e a cultura dos índios. Soube infiltrar-se no meio deles e conquistá-los. Tornou-se a alma dos primeiros habitantes que aqui vieram para fazer deste o seu lugar e nele viver ou morrer. Após construir em 1612 o Forte de São Sebastião, na barra do Ceará, tido como o marco da fundação da Capitania, e ser um dos líderes da expulsão dos franceses também do Maranhão, recebe, em 25 de maio de 1619, um decreto do Rei Felipe II, nomeando-o 1º Capitão-Mor da Capitania do Ceará e foram tantos os seus exemplos de bravura que um dia, com justiça, seria aclamado como o Fundador do Ceará e teria o seu nome inscrito no Panteão dos heróis da Pátria brasileira, pois embora sendo Português de nascimento, amou e defendeu esta região e a soberania do Brasil com tal empenho, dedicação e coragem, que tornou-se uma lenda e também um patrimônio nacional.

O segundo destaque que registro, embora houvesse outros a mencionar, seria o da fundação do Instituto do Ceará, em 1887.

Podemos imaginar aquele momento, começando pela capital do Ceará Grande, Fortaleza, que vestia o encanto de uma ainda pequena, mas bela cidade, cortada pelo rio Pajeú, povoando imaginações como a do poeta boêmio Paula Ney, que a chamava de loura desposado do sol.

Os luares iluminavam as suas noites, perolizadas, aqui e ali, pela luz pálida dos combustores de gás. Coisas tais que dão o toque de saudade aos que, como o orador que vos fala, só podem visitá-las pela imaginação.

Vinte e seis mil habitantes, com suas casas e sobrados derramados ao longo de pouco mais de quarenta ruas, tinha um orgulhoso serviço de bondes puxados a burros, da Ferro-Carril, uma vida cheia de sonhos e também de agitação, influenciada pelas novidades estrangeiras, pois o pe-

ríodo áureo de exportação do algodão cearense levaram-na a ingressar na belle époque, fase extraordinária da vida científica e intelectual europeia, entre os anos de 1871 e 1914, que promoveram uma revolução no mundo social, político e econômico, mundial. Fortaleza, igualmente, expandiu-se e modernizou-se nos padrões das metrópoles europeias, especialmente nos ares estéticos e comportamentais franceses. Tornou-se urbana e glamorosa, com telégrafos, telefones, praças e cafés. O passeio público com árvores coloridas, lagos e a visão do mar, tornou-se o local de encontro das elites.

A cultura acompanhou o esplendor daqueles momentos históricos. José Alencar era famoso em todo o Brasil. No Clube Literário de Fortaleza abrigavam-se personagens como Rodolpho Theóphilo, Farias Brito, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno e Francisca Clotilde. A revista A Quinzena e o jornal O Libertador eram pomos de sabedoria e talento. A própria Libertação pioneira dos escravos, no Estado, em 1884, foi, em grande parte, fruto dos intelectuais - classe formadora de opinião, levando mesmo intelectuais de fora, como José do Patrocínio, a chamar o Ceará de Terra da Luz, pelo efeito moral de existir uma província livre no país, e a Joaquim Nabuco escrever o livro "Abolição", em 1888, dedicando-o ao Ceará.

Então, discretamente, em 4 de março de 1887, numa das salas da biblioteca pública, oito intelectuais se reuniram para criar o Instituto do Ceará, no intuito de laborar pela História, Geografia, letras e ciências, na Província. Foram eles: Paulino Nogueira, Joaquim Catunda, João Perdigão de Oliveira, Guilherme Studart, Júlio Cesar da Fonseca, Padre João Augusto da Frota, Antonio Augusto de Vasconcelos e Antonio Bezerra, imediatamente acrescidos das figuras ilustres de José Sombra, Virgilio de Moraes, Juvenal Galeno e Virgílio Brígido.

Outra vez, o mais novo do grupo, Guilherme Studart, com apenas 32 anos, foi, embora ninguém suspeitasse, à época, o ungido para ser mais um dos heróis do nosso passado. Com sangue inglês, embora aqui nascido, amou essa terra e sua gente, estudando-as e ajudando-as, a tal ponto que, embora com armas diferentes das de Martim Soares Moreno, tornou-se também imortal. Formou-se em medicina na Bahia e, retornando, exerceu durante anos sua atividade de médico na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, trabalhando pelos pobres e indigentes. Afoitamente, pois era vice-cônsul da Inglaterra, decidiu correr riscos como militante, e foi umas das vozes decisivas para o sucesso do movimento abolicionista, no Ceará.

Durante as secas foi o grande baluarte dos flagelados, principalmente dos que vinham do interior, às dezenas de milhares, ajudando-os, com sua medicina, sua fé e as doações de pessoas de todo o país, que só por ele confiavam encaminhá-las. Esse trabalho caridoso em meio a doenças como varíola, sobre a qual descreveu tudo, desde 1804 a 1890, em seu livro Climatologia, Epidemias e Endemias no Ceará e, em meio também à lepra, da qual foi o pioneiro no combate na região, e o maior incentivador à construção de um leprosário na cidade. Tantas caridades e ações abnegadas, sempre apoiadas pela Sociedade São Vicente de Paulo, da qual era Presidente do Conselho Central, foram reconhecidas, no Brasil e no exterior, coroando-se tal preito de gratidão em 1900, quando Guilherme Studart recebeu o título de Barão dado pelo Vaticano. O Barão de Studart!

Mas o lado humanístico apenas adornava a sua face mais conhecida, que era a de intelectual. O mais velho do grupo iniciador do Instituto do Ceará era Joaquim Catunda, com 53 anos, já consagrado por seus "Estudos da História do Ceará". O segundo maior de idade do grupo era Juvenal Galeno, que possuía uma genial obra poética, na qual podia-se relevar: "Prelúdios"(1856) e "Lendas e Canções Populares"(1861); Paulino Nogueira, Vice-presidente da Província, entre os mais admirados, foi eleito o primeiro Presidente do Instituto do Ceará, e observamos que todos os que instalaram a nova agremiação, foram cuidadosamente escolhidos para iniciar essa marcha vitoriosa, que hoje completa 132 anos.

Na sucessão dessas cadeiras iniciais tivemos, nomes de vanguarda da História, Geografia e Antropologia. Não podendo aludir a todos, mencionaremos alguns já falecidos, como Thomás Pompeu de Sousa Brasil, Rodolpho Theóphilo, Leonardo Mota e Julia Vasconcelos, que, juntamente com cada novo sócio que foi chegando escreveram com letras de ouro a história dessa Instituição!

Mas foi Guilherme Studart, tido por como o pai da história do Ceará, que se tornou o símbolo maior dessa nossa entidade, conhecida como a Casa do Barão de Studart. Escreveu nas áreas da medicina, geografia, linguística e biografia, porém foi na história que se consagrou, escrevendo mais de uma centena de livros e textos, num trabalho hercúleo, pois publicar tantas obras, volumosas, eruditas e bem pesquisadas, ainda hoje de indispensáveis referências, numa época que não havia computadores e em que as técnicas editoriais eram rudimentares, é um feito quase inacreditável!

O Instituto do Ceará marcou o novo tempo em nossa cultura. Organizou todo os trabalhos de história, geografia e antropologia, que estavam dispersos pelas mais variadas fontes e autores, do Brasil e do exterior, inserindo-os na sua Revista-Livro, anual, do Instituto do Ceará, a qual é a mais importante fonte de consulta sobre o passado dessa terra e hoje repousa nas melhores bibliotecas do Brasil e do Mundo. Uma joia da bibliografia brasileira, que nunca deixou de ser publicada em nenhum ano de vida da entidade, está agora disponível também em DVD. Sem dúvida, o Instituto do Ceará e o Barão de Studart levaram Capistrano de Abreu a declarar que o Ceará era o Estado do Brasil que mais estudava as coisas do seu passado.

Senhoras e senhores, a melhor forma de comemorarmos os 132 anos do Instituo do Ceará, nesta solenidade memorável, é homenageando nossos grandes vultos, que passaram deixando rastros de Luz. Hoje, destacamos dois deles, o primeiro, uma lenda, o amante de Iracema. E nem sei se foi realmente uma lenda, pois Martim existiu de fato. Era jovem e belo, falava muito bem a língua dos índios e vivia no meio deles. É quase certo que poderia e deveria ter se apaixonado por uma bela índia guerreira. O resto seria a forma romântica de José Alencar contar o enredo. Mas pouco interessa se foi verdade ou não, o mais importante é a mensagem que nos deixa de que um homem europeu e uma índia nativa, um casal de bravos guerreiros, deram origem a um filho. A uma nova raça, da qual todos aqui somos descendentes.

E para homenagear esta lenda o Instituto do Ceará, nesta noite, está abrindo as comemorações pelos quatrocentos anos da carta oficial, de 1619, do Rei Felipe II, de Portugal, transformando o Fundador do Ceará, herói da Pátria brasileira, Martim Soares Moreno, no 1º Capitão-Mor da nossa capitania. O Ceará quatrocentão, de fato e de direito. Aliás, registremos que a primeira recebedora do Troféu Martim Soares Moreno, dado por um Conselho de entidades Brasileiras e Portuguesas, foi a escritora e poetisa, luso-brasileira, aqui presente, Beatriz Alcântara, esposa do nosso Presidente Lúcio Alcântara.

A segunda lenda homenageada, é o homem que fez do Instituto do Ceará a sua casa, o humanista, escritor e documentalista Barão de Studart. O guerreiro coberto de glórias, que usou a palavra e o amor para vencer as suas batalhas. Se o primeiro usou a espada para fundar, o segundo usou a inteligência para consolidar e um seria incompleto sem o outro.

Segundo os gregos, a forma de eternizar um guerreiro é criando uma medalha com sua efígie, e oferecê-la a outro guerreiro, que seja também um vencedor. O Instituto do Ceará, outorgaria hoje duas medalhas, banhadas a ouro, com a efígie do Barão de Studart, mas como um dos recebedores, D. Consuelo Dias Branco, benfeitora desta entidade, por motivos insuperáveis, não pôde estar hoje no Ceará e receberá essa honraria noutra data, entregaremos nesta solenidade apenas uma medalha do Barão de Studart a um desses guerreiros, o qual sabemos que irá continuar o legado dos nossos heróis, conforme dissemos no começo desta mensagem, que é o de nunca aceitar a palavra derrota e continuar sempre em frente, até vencer**,** o Governador do Ceará quatrocentão, Camilo Santana!

Senhoras e senhores, após tudo o que dissemos, vemos que não estivemos hoje apenas comemorando os 132 anos de uma entidade, mas, também, celebrando o seu passado, presente e futuro, havendo, neste final, levantado, espiritualmente, um brinde aos que transformaram sonhos em realidades e viveram seus ideais apaixonadamente!

Muito obrigado,

11 de março de 2019.